



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
ICED – INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

ANA VITÓRIA BATISTA MENDONÇA

CARACTERIZAÇÃO LITERÁRIA DO CONTO ANGOLANO *NOSTEMPO DE MIÚDO*, DE BOAVENTURA CARDOSO, E ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DA PARATAXE PARA O ALCANCE DO EFEITO DE TENSÃO NA OBRA

**SANTARÉM-PA
2023**

ANA VITÓRIA BATISTA MENDONÇA

CARACTERIZAÇÃO LITERÁRIA DO CONTO ANGOLANO *NOSTEMPO DE MIÚDO*, DE BOAVENTURA CARDOSO, E ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DA PARATAXE PARA O ALCANCE DO EFEITO DE TENSÃO NA OBRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Licenciatura em Letras, do Programa de Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará, a fim de obter o diploma de graduação em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ediene Pena Ferreira

Coorientador: Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Sousa

**SANTARÉM-PA
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) da UFOPA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFOPA - Biblioteca Unidade Rondon

Mendonça, Ana Vitoria Batista.

Caracterização literária do conto angolano Nostempo de miúdo, de Boaventura Cardoso, e análise da contribuição da parataxe para o alcance do efeito de tensão na obra / Ana Vitoria Batista Mendonça. - Santarém, 2023.

52fl.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA. Instituto de Ciências da Educação- ICED. Licenciatura em Letras.

Orientador: Ediene Pena-Ferreira.

Coorientador: Odenildo Queiroz de Sousa.

1. Linguística. 2. Literatura. 3. Boaventura Cardoso. I. Pena-Ferreira, Ediene. II. Sousa, Odenildo Queiroz de. III. Título.

UFOPA Campus Rondon

CDD 809



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 15 dias do mês de dezembro de 2023, às 16:30 horas, na cidade de Santarém, Estado do Pará, em sala híbrida, via plataforma de conferência virtual Google Meet, acessado por endereço eletrônico criado para este fim, reuniu-se a Banca Examinadora de Trabalho de Conclusão de Curso de Letras para realização da arguição do trabalho de conclusão de curso do(a) aluno(a) Ana Vitória Batista Mendonça, matrícula 2019014425, intitulado Caracterização Literária no conto angolano Nostempo de Miúdo, de Boaventura Cardoso, e análise da contribuição da parataxe para o alcance do efeito de tensão na obra, sob a orientação da Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira e co-orientação do Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Sousa, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A Banca Examinadora foi constituída pela orientadora, Presidente desta Banca, pelo co-orientador e pela Prof. Dra. Terezinha de Jesus Dias Pacheco da Universidade Federal do Oeste do Pará e pelo Prof. Me. Samuel Figueira Cardoso da Universidade de Varsóvia. A banca deliberou pela (X) aprovação () reprovação do TCC, resultando na nota **10**. A banca considerou que:

- (X) Não são necessárias revisões.
- () São necessárias revisões quanto à forma, conforme as observações apontadas.
- () São necessárias revisões de conteúdo, conforme as observações apontadas, e revisão final feita pelo orientador antes de encaminhar a versão final do documento para a biblioteca.
- () São necessárias revisões de conteúdo, conforme as observações apontadas, e reavaliação do trabalho pela banca e pelo orientador antes de encaminhar a versão final do documento para a biblioteca.

Fica acordado que a nota **10** está condicionada a entrega final do trabalho, no prazo máximo de **10 dias úteis** a partir desta data e o mesmo deverá contemplar as observações da Banca Examinadora. Proclamados os resultados pela Presidente da




SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

Banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira, lavrei a presente ata, que será assinada pelo autor do trabalho e pelos membros da Banca Examinadora.

Santarém, 15 de dezembro de 2023.

Orientador:  Documento assinado digitalmente
EDIENE PENA FERREIRA
Data: 16/12/2023 17:32:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Avaliador 1: 

Avaliador 2: 

Autor:  Documento assinado digitalmente
ANA VITORIA BATISTA MENDONCA
Data: 15/12/2023 23:04:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

PARECER DESCRITIVO DA BANCA

Orientador(a): Ediene Pena Ferreira

Banca Examinadora: Terezinha de Jesus Dias Pacheco

Samuel Figueira Cardoso

Orientando/Autor: Ana Vitória Batista Mendonça, matrícula 2019014425

Título do Trabalho: Caracterização Literária no conto angolano Nostempo de Miúdo, de Boaventura Cardoso, e análise da contribuição da parataxe para o alcance do efeito de tensão na obra

Parecer: O texto cumpre todas as exigências de um trabalho de conclusão de curso.

Local da Defesa: conferência web

Nota atribuída: 10

Data da defesa: 15 de dezembro de 2023, às 16h30

Assinaturas:

Banca Examinadora (avaliador 1): _____ 

Banca Examinadora (avaliador 2): Terezinha de Jesus Dias Pacheco

Banca Examinadora (orientador):  **EDIENE PENA FERREIRA** _____
Documento assinado digitalmente
Data: 16/12/2023 17:30:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ao meu avô [*in memoriam*], à minha mãe, aos
meus professores, e aos meus amigos

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, Inteligência Suprema, sem a qual nada neste mundo seria possível, e aos seus anjos, espíritos evoluídos que me acompanham sempre, e me auxiliam com sua proteção.

Agradeço também aos meus familiares, em especial à minha mãe, Ana Cristina, às minhas tias Ana Lúcia e Ana Selma, e ao meu padrasto, Carlos Alberto, que me acompanharam nessa jornada, que compreenderam minha ausência quando foi necessário, me acolheram nos momentos de dificuldade e me deram as condições necessárias para que eu chegasse até aqui.

À Universidade Federal do Oeste do Pará, agradeço a oportunidade de estudar para obter o título de licenciada em Letras. Em especial, agradeço ao Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará, onde pude conhecer muitos colegas do curso de Letras e aprender sempre mais sobre língua.

À Prof.^a Dr.^a Ediene Pena Ferreira, agradeço por ter despertado em mim o interesse pela Linguística e por ter aceitado o desafio de me orientar neste trabalho. Ao Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Sousa, agradeço por, igualmente, ter aceitado ser meu coorientador neste trabalho e por, assim como o Prof. Dr. Luiz Fernando de França – a quem também agradeço aproveito a oportunidade para agradecer – ter despertado meu interesse pelas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Estendo os agradecimentos a todos os demais professores com quem tive a oportunidade de aprender na Universidade e àqueles que foram meus mestres na educação básica, que me inspiraram a seguir a profissão de professora.

Aos meus amigos, Aguinaldo Henrique, Lina Scaffi e Davi Henrique, agradeço pela constância e pelo suporte diário. Aos meus colegas de curso, em especial Hector Teixeira, Osmar Costa e Jordana Santos, agradeço por terem compartilhado suas experiências, suas angústias e suas conquistas, o que enriqueceu mais este processo e me permitiu ver que não estava sozinha. Aos amigos que não estão individualmente citados aqui, agradeço igualmente. Muito obrigada!

Não há efeito sem causa
– *O Livro dos Espíritos*

RESUMO

Neste trabalho, analisa-se como a utilização da parataxe contribui, no conto *Nostempo de miúdo*, do escritor angolano Boaventura Cardoso, para o alcance da tensão presente nesse texto. Busca-se, com isso, vencer a aparente compartimentação entre as áreas da Linguística e da Literatura, bem como dar destaque ao estudo de textos literários africanos, muitas vezes excluídos e invisibilizados. Trata-se de um trabalho de caráter qualitativo, mais especificamente de uma análise de conteúdo. Para alcançar os objetivos pretendidos, foram cumpridas as seguintes etapas: leitura do conto *Nostempo de miúdo*; pesquisa bibliográfica acerca dos elementos estruturantes do conto, com base em Propp (2001) e D’Onofrio (2007); conceituação de “tensão”, segundo Baroni (2007), Cortázar (2008) e Poe (1846); identificação e classificação das orações presentes no texto de acordo com a Gramática Tradicional e com o Funcionalismo, com base em Bechara (2019) e em Halliday (2014); conceituação de texto, segundo Halliday e Hasan (1976) e Koch (1997); e investigação dos efeitos alcançados com o uso de orações paratáticas no conto *Nostempo de miúdo*, com base em Bakhtin (2019) e Martins (1989). A partir disso, destaca-se: 1) que a tensão que permeia a estória advém de sua relação com o contexto sócio-histórico por ela revelado; e 2) o fato de as escolhas linguísticas realizadas na produção de um texto literário – assim como de outros textos – possibilitarem a expressão de certos efeitos, como a tensão. Ao ressaltar esses aspectos, o trabalho mostra que determinados efeitos são mais bem elaborados a depender das construções sintáticas de que o autor do texto lança mão, e que isso auxilia a compreensão da obra.

Palavras-Chave: Escolhas linguísticas. Texto literário. Parataxe. Tensão.

ABSTRACT

In the present study, we analyze how the parataxis use contribute to the short story *Nostempo de miúdo*, by the Angolan writer Boaventura Cardoso, by achieving the tension present in that text. The aim is to overcome the apparent compartmentalization between the areas of Linguistics and Literature, as well as highlight the study of African literary texts, which are often excluded or made invisible. This is a qualitative study, more specifically a content analysis. To achieve the intended objectives, the following steps were completed: reading the short story *Nostempo de miúdo*; bibliographical research on the structuring elements of the story, based on Propp (2001) and D’Onofrio (2007); conceptualization of “tension”, according to Baroni (2007), Cortázar (2008) and Poe (1846); identification and classification of sentences present in the text according to Traditional Grammar and Functionalism, based on Bechara (2019) and Halliday (2014); text conceptualization, according to Halliday and Hasan (1976) and Koch (1997); and investigation of the effects achieved with the use of paratactic clauses in the short story *Nostempo de miúdo*, based on Bakhtin (2019) and Martins (1989). From this, it stands out: 1) that the tension that permeates the story comes from its relationship with the socio-historical context revealed by it; and 2) the fact that the linguistic choices made in the production of a literary text – as well as other texts – enable the expression of certain effects, such as tension. By highlighting these aspects, the study shows that certain effects are better elaborated depending on the syntactic constructions used by the author of the text, and that this helps the understanding of the piece of work.

Keywords: Linguistic choices. Literary text. Parataxis. Tension.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação de orações encontradas em Cardoso (1982) de acordo com a Gramática Tradicional e com o <i>complexing</i> de Halliday	31
Quadro 2 – Transformação de complexos oracionais compostos por parataxe do conto <i>Nostempo de miúdo</i> em complexos oracionais compostos por hipotaxe ou por encaixamento	38
Quadro 3 – Classificação de complexos oracionais presentes em <i>Nostempo de miúdo após a reformulação sugerida por Bakhtin (2019)</i>	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONTEXTO HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO GERAL DO CONTO	
	<i>NOSTEMPO DE MIÚDO: SESSENTA E UM QUENTE</i>	18
2.1	Breve história de Angola até sua independência: <i>Aconteceu nos tempo das confusões um dia, palavra d'honra</i>	18
2.2	Enredo e personagens de <i>Nostempo de miúdo: Gente de paz, é a história que vou pôr</i>	22
2.2.1	Situação inicial e as funções de proibição (γ) e transgressão (δ): Já nos tinham avisado. Seis horas recolher.	23
2.2.2	O antagonista e a função de perseguição (Pr): Caminho andado com a vizinhança do perigo	26
2.2.3	Os ajudantes e as funções de interrogatório (ξ) e fornecimento (F): Minha mão na mão de Zeca. Selagem fraterna.	26
2.2.4	Situação final e a função de salvamento, resgate (Rs): Era só correr. Sempre em frente.....	28
3	A TENSÃO COMO ELEMENTO ESTRUTURAL DO CONTO <i>NOSTEMPO DE MIÚDO: NOSSO GUARDA ATIRA?</i>	30
4	BREVE CARACTERIZAÇÃO DAS ARTICULAÇÕES ORACIONAIS PRESENTES EM <i>NOSTEMPO DE MIÚDO: BOLA MARCHANDO, PEDRITO PUXA PARA LITO, ESTE CORRE JÁ...</i>	34
4.1	Visão tradicional e visão funcionalista sobre a articulação oracional: <i>Zero zero, tabuada em branco</i>	34
4.2	Classificação das orações presentes em <i>Nostempo de miúdo: Trumuno com altos e baixos</i>	37
5	A PARATAXE E A TENSÃO NO TEXTO: <i>PARAMOS E OLHAMOS. [...] CORRE! LHE AGARRA MESMO!</i>	41
5.1	Concepções de texto: <i>Eh! Se vos conto, me pagas quê então?</i>	41
5.2	Relação entre as construções paratáticas e a tensão em <i>Nostempo de miúdo: A morte e a vida em luta</i>	43
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

*caminhos largos para os horizontes fechados
mas caminhos
caminhos abertos por cima
da impossibilidade dos braços¹*

– Agostinho Neto

A utilização dos recursos linguísticos nos mais variados contextos não se dá de maneira arbitrária: ao contrário, ocorre objetivando certos efeitos nas situações interacionais, como afirma Koch (1997). Isso ocorre tanto na oralidade como na escrita, inclusive literária. O problema, no entanto, é que, a depender do gênero textual analisado, não é tão simples perceber a relação entre as formas utilizadas e os efeitos por elas ocasionados. Outro problema que se observa, no Brasil, é a pouca exploração das produções literárias africanas, a exemplo do que acontece no âmbito da formação de professores, em que os cursos de História e Letras nem sempre oferecem um estudo mais sistemático dessas obras (Teodoro, 2012).

Sobre o primeiro problema – a dificuldade de identificar a relação entre formas linguísticas e seus efeitos, especialmente nos textos literários –, cabe pensar na compartimentação entre a Linguística e a Literatura, inclusive dentro dos cursos de Letras, nas universidades. Nesse sentido, dos Santos Cavalheiro (2004) afirma que tal postura faz pensar, erroneamente, que os trabalhos desenvolvidos nesses campos estão totalmente separados. Isso impede que os trabalhos das duas áreas se combinem para uma análise textual aprofundada, que englobe tanto a estrutura linguística quanto a literária.

Acerca do segundo problema – a ausência de trabalhos voltados às literaturas africanas de língua portuguesa –, ele torna-se evidente ao analisar, por exemplo, o que acontece no âmbito da educação escolar. No trabalho de Andrade (2021), é analisada a relação entre o livro didático de Língua Portuguesa e a Lei 10.639/2003, e constata-se a exclusão das obras e autores africanos, bem como de outros grupos étnico-raciais. Isso demonstra, de acordo com o próprio autor, que o racismo ainda permeia a sociedade brasileira e constitui-se em elemento estrutural, componente histórico da formação do Brasil.

Pode-se dizer que foi a percepção desses dois imbróglis bem como as discussões sobre as literaturas africanas de língua portuguesa e sobre linguística, na Universidade Federal do Oeste do Pará, que suscitaram a ideia para este trabalho. Assim, este texto é resultado de minha experiência ao longo da graduação, a qual foi profundamente marcada pelo gosto tanto

¹ Trecho do poema *Fogo e ritmo*.

pela área da Literatura quanto pela área da Linguística. Ao mesmo tempo em que participei do Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará (Gelopa), minha trajetória enquanto graduanda foi sempre pontuada pela escrita e apresentação de trabalhos referentes à Literatura, de maneira que se tornou impossível concluir o curso com um trabalho que não conciliasse os dois campos.

Dessa forma, propus-me a analisar como um recurso associado aos estudos linguísticos – a parataxe – é utilizado para alcançar o efeito de tensão no conto literário *Nostempo de miúdo*, do autor angolano Boaventura Cardoso. A utilização do conceito de parataxe, neste trabalho, deve-se ao fato de que seguirei a orientação funcionalista da Linguística. Vale dizer que, apesar disso, há aqui grande diálogo com outras abordagens teóricas – que não se excluem, mas antes se complementam – como a Linguística Cognitiva, a Linguística Textual e a Estilística.

Para realizar de maneira produtiva a análise do texto, *i. e.*, com a preocupação de não o utilizar como mero pretexto para o estudo de um recurso gramatical, serão abordados aspectos literários de sua composição, com base no Formalismo de Vladimir Propp (2001) e no Estruturalismo, adotado por Salvatore D’Onofrio (2007). Além disso, o contexto em que a estória se passa e o papel da oralidade em sua construção também serão considerados.

A fim de melhor compreender o que será desenvolvido neste trabalho, faz-se importante apresentar, resumidamente, o conto selecionado. Em *Nostempo de miúdo*, publicado na obra *Dizanga dia Muenhu*, o narrador criado por Boaventura Cardoso revive a memória da guerra, tomando como ponto de partida sua visão infantil da época, lembrando um jogo de futebol com outras crianças. Conforme demonstrado por Teodoro (2012), nesse conto, o autor aproveita recursos próprios da oralidade, remontando à tradição da oratura², a contação de estórias pelos mais velhos. Um desses recursos é a parataxe, que, pretendo mostrar, é a responsável pela tensão presente na narrativa.

O estudo da relação entre as orações paratáticas e o efeito de tensão na obra de Boaventura Cardoso será desenvolvido nas seções e subseções deste trabalho, cujos títulos trazem fragmentos da obra angolana. A segunda seção do trabalho, que segue esta introdução, é intitulada *Contexto histórico e caracterização geral do conto Nostempo de miúdo: Sessenta e um quente*. Ela está dividida em duas subseções: *Breve história de Angola até sua independência: Aconteceu nos tempo das confusões um dia, palavra d’honra* e *Enredo e personagens de Nostempo de miúdo: Gente de paz, é a história que vou pôr*.

² Este termo foi proposto pelo linguista ugandês Pio Zirimu, em 1970, e remete a uma noção defendida nos estudos sobre Literatura Oral, em particular por autores africanos.

Na primeira dessas duas subseções, procurarei apresentar, brevemente, um panorama geral da história de Angola, desde antes de sua colonização pelos portugueses até a Guerra de Independência, cujo ano inicial é o período em que se passa o conto analisado. Para embasar as considerações feitas nessa subseção, serão utilizados, majoritariamente, os trabalhos de Feijó (2011), França (2018) e Padilha (2007). Na subseção seguinte, o enredo e as personagens do conto serão abordados sobretudo conforme os estudos de D’Onofrio (2002) e Propp (2001).

Na terceira seção, *A tensão como elemento estrutural do conto Nostempo de miúdo: Nosso guarda atira?*, a tensão será conceituada enquanto estado psíquico e elemento constituinte da estrutura da narrativa. Para isso, serão considerados, em especial, os estudos de Baroni (2007), Cortázar (2008) e Poe (1846).

A quarta seção, *Breve caracterização das articulações oracionais presentes em Nostempo de miúdo: Bola marchando, Pedrito puxa para Lito, este corre já...* está dividida em duas subseções: *Visão tradicional e visão funcionalista sobre a articulação oracional: Zero, tabuada em branco* e *Classificação das orações presentes em Nostempo de miúdo: Trumuno com altos e baixos*.

Na primeira subseção, será feita a distinção entre as abordagens Tradicional e Funcionalista dos processos de articulação oracional; na segunda, a classificação das orações que compõem o conto *Nostempo de miúdo* será realizada, com ênfase na orientação funcionalista. Em ambas as subseções, serão utilizados, sobretudo, os trabalhos de Rúbio (2011), Bechara (2019) e Halliday (2014).

A quinta e última seção, *A parataxe e a tensão no texto: Paramos e olhamos. [...] Corre! Lhe agarra mesmo!* também está dividida em suas subseções: *Concepções de texto: Eh! Se vos conto, me pagas quê então?* e *Relação entre as construções paratáticas e a tensão em Nostempo de miúdo: A morte e a vida em luta*.

Na primeira subseção, serão apresentadas as concepções de texto que norteiam este trabalho, o que será de grande relevância para se compreender a relação entre a parataxe e o efeito de tensão. Para tal, serão utilizadas as concepções presentes em Halliday e Hasan (1976) e em Koch (1997).

Na última subseção, será, finalmente, estabelecida a relação entre o processo de articulação oracional por parataxe e a tensão em *Nostempo de miúdo*. Para isso, serão utilizados os estudos de Bakhtin (2019) e Martins (1989), ambos do campo da Estilística. Ademais, se recorrerá à reestruturação de algumas das orações paratáticas presentes no conto de Boaventura

Cardoso, transformando algumas delas em orações hipotáticas, e outras em orações encaixadas, a fim de comprovar que, com isso, a tensão se dissipa.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO GERAL DO CONTO

NOSTEMPO DE MIÚDO: SESSENTA E UM QUENTE

*Amanhã
Entoaremos hinos à liberdade
Quando comemorarmos
A data da abolição desta escravatura³*

– Agostinho Neto

2.1 Breve história de Angola até sua independência: *Aconteceu nos tempo das confusões um dia, palavra d'honra*

Neste trabalho, será tomado como objeto de estudo o conto *Nostempo de miúdo*, de autoria do escritor angolano Boaventura Cardoso. A escolha desse conto se deu pelo meu contato com diversos textos das literaturas africanas de língua portuguesa em disciplina com este nome, na Universidade Federal do Oeste do Pará, dos quais a estória escrita por Boaventura destacou-se, a meu ver, pela tensão nele presente, devido ao contexto sócio-histórico nele expresso, e pela quantidade de orações paratáticas utilizadas em sua composição.

Antes de adentrar a discussão que se propõe neste trabalho – a relação entre parataxe e efeito de tensão –, porém, é importante revisitar a história do país de origem da narrativa a ser analisada, a fim de compreender o contexto histórico que está posto na obra. Dessa forma, nesta subseção, será tratada, muito brevemente, a história de Angola, desde antes da chegada do colonizador português ao seu território até a conquista de sua independência.

Antes da colonização portuguesa, várias etnias habitavam o território atualmente conhecido como Angola, como os povos de origem Bantu (Pacheco; Costa; Tavares, 2018). Essas terras eram ocupadas por reinos, cada um possuindo suas próprias tradições, organização social e economia.

Apenas no século XV, os portugueses tiveram os primeiros contatos com a região da atual Angola, mais precisamente no ano de 1482, quando o navegador Diogo Cão chegou à foz do rio Zaire. Feijó (2011) fala sobre esses contatos iniciais: “[...] Inicialmente os portugueses lograram estabelecer relações cordiais com os líderes locais, lhes oferecendo benesses materiais como símbolos de prestígio e distinção além de eventuais ajudas frente a inimizades com reinos vizinhos”.

³ Trecho do poema *Adeus à hora da largada*.

No entanto, mais tarde, já no século XVI, tiveram início as investidas militares portuguesas em território angolano, com a chegada de Paulo Dias de Novais para chefiar a representação do país europeu, cuja razão de ser foi a possibilidade do comércio de escravos.

A motivação principal para essa guinada de orientação na política portuguesa ao ultramar se explica pela ascensão das possibilidades de lucros com o comércio de escravos, que tomaria vastas proporções e se tornaria a principal fonte de mão-de-obra no comércio triangular para as atividades canavieiras e mineradoras no Brasil durante pelo menos três séculos (Feijó, 2011).⁴

Na primeira metade do século XX, em 1910, Portugal converteu-se em República, mas ainda manteve seu domínio sobre os povos colonizados. Nesse mesmo período, alastraram-se os conflitos no continente africano, e

Portugal decide enviar para Angola expedições militares a fim de garantir a integridade do território e controlar a revolta indígena [...]. A campanha militar de 1915, comandada pelo General Pereira de Eça, e com um efetivo de cerca de 12000 homens, constituiu-se como uma força conjunta, englobando unidades do Exército metropolitano, Marinha e Exército colonial com as suas **companhias de indígenas angolanos** e de landins de Moçambique (Geraldès, 2014, p. vii, grifo meu).

A informação trazida por Geraldès (2014) é importante para a discussão proposta neste trabalho especialmente porque, como se verá adiante, os antagonistas do conto *Nostempo de miúdo* são soldados da Companhia Indígena de Angola e, portanto, parte da força militar conjunta de Portugal. As companhias indígenas eram formadas a partir do recrutamento de pessoal local, e recebiam esse nome porque seus integrantes eram tratados como indígenas. A fim de esclarecer o termo, que não recebe, nesse caso, a mesma acepção que lhes é conferida nas Américas, pode-se recorrer à seguinte definição:

Ser “indígena” resultava duma classificação jurídica que dava estatuto legal distinto e oposto ao de “cidadão”, dentro da dualidade jurídica que, no caso de Portugal, foi imposta em algumas das suas colônias entre 1926 e 1961. Não era sinônimo de “aborígene”, “originário” ou “nascido em”: os brancos nascidos nas colônias nunca eram “indígenas” e nem todos os negros originários dessas colônias eram “indígenas” (Conceição Neto, 2015, p. 120-121 *apud* França, 2018, p. 44).

A participação de “indígenas” no aparato militar, porém, gerou problemas, posteriormente. Em 1933, assumiu o poder António Salazar, um líder autoritário, fortemente

⁴ “Calcula-se que cerca de um milhão de escravos partiu dos portos de Angola entre 1580 e 1680, número que duplica entre 1680 e 1836 e triplica se adicionarmos os números provenientes de companhias não-autorizadas” (Anderson, 1966, p. 28 *apud* Feijó, 2011).

nacionalista e notadamente fascista, que se recusava a libertar as colônias portuguesas – que passaram a ser chamadas “províncias ultramarinas”. A polícia instituída por ele, que ainda contava com o trabalho de nativos angolanos, assistiu a diversas deserções desses soldados, em especial com a independência do Congo-Brazzaville, em 1960 (Mendonça, 2018).

Na década de 1950, ainda em meio ao governo de Salazar, as movimentações em favor da descolonização da África tiveram início, em diversos países. Merece destaque, nesse período, a produção literária africana, que passa a ligar-se de maneira profunda com a construção da nacionalidade, especialmente em Angola. Ao adentrar a década seguinte, torna-se evidente a participação de diversos autores, como Boaventura Cardoso, no processo de libertação de seu país. Nas palavras de Padilha (2007, p. 175), “A literatura se faz arma de combate, procurando transformar-se em instrumento de mobilização [...]”.

Nos anos 1960, a situação tornou-se insustentável, e, em Angola, a luta pela independência ganhou força. O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), liderado por Agostinho Neto, a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), liderada por Holden Roberto, e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), liderada por Jonas Savimbi, foram as principais organizações políticas nesse processo.

O catalisador mais importante para o que ficou conhecido como Guerra de Independência de Angola foi, sem dúvidas, o evento que ficou conhecido como A Revolta da Baixa de Cassange (1961-1963). Essa revolta teve início com a resistência camponesa contra as práticas repressivas do sistema colonial português, em especial o trabalho forçado nas plantações de algodão da região. Parte da Revolta da Baixa do Cassange pode ser descrita da seguinte forma:

Constituindo grupos numerosos, os revoltosos assaltaram instalações oficiais e privadas, danificaram viaturas, pontes e jangadas, derrubaram o pau da bandeira portuguesa, não provocando no entanto mortes entre os europeus. Em áreas mais distantes como nos postos de Luremo, do Cuango e do Iongo, multiplicavam-se os montículos de sementes de algodão queimadas, as cadernetas indígenas rasgadas e outros indícios de hostilidade. Os ajuntamentos de população não só se tornaram mais freqüentes como mais ameaçadores (Freudenthal, 1999, p. 263 *apud* França, 2018, p. 78).

Com isso, chamou-se atenção para as demandas de justiça social e liberdade em Angola, o que fortaleceu os movimentos de independência que já estavam em curso. O MPLA, a FNLA e a UNITA aproveitaram o momento para ampliar suas bases de apoio entre a população. Nesse cenário, então, as organizações de independência intensificaram sua luta contra o domínio colonial português. Esse período foi marcado por um conflito armado entre

os grupos independentistas e o governo salazarista⁵, e durou mais de uma década. Cione (2012, p. 70) assim coloca o estopim da guerra anticolonial em Angola:

No dia 04 de fevereiro de 1961, há o primeiro choque mais significativo contra Portugal, a partir dos ataques, reivindicados pelo MPLA, a algumas prisões de Luanda. Apesar de seu fracasso militar, a operação ganhou muita visibilidade e forte peso simbólico. Em 15 de março, houve outra revolta agora no norte da colônia, realizada pela UPA⁶ e marcada por uma profunda violência. Estes dois acontecimentos marcariam o início “oficial” da guerra de libertação angolana.

Seguiu-se, assim, um longo período, de treze anos, de guerra em território angolano. Nesse ínterim, o regime salazarista lançou mão de aparelhos repressores que podem ser identificados no conto *Nostempo de miúdo*, a exemplo da patrulha da Companhia Indígena, já mencionada, e do toque de recolher.

A libertação do país africano só foi possível quando, em 1974, com a Revolução dos Cravos⁷, ocorreu a queda do regime salazarista, nessa época já representado por Marcello Caetano, sucessor de António Salazar. Um ano depois, em janeiro de 1975, o Acordo de Alvor estabeleceu um governo de transição e marcou o início do fim da guerra de independência. Meses mais tarde, em 11 de novembro de 1975, Angola finalmente conquistou sua independência.

O conto que será analisado neste trabalho se passa em meio à Guerra de Independência de Angola, mais especificamente em seu primeiro ano, como se confirma pelo *leitmotiv* do conto, “sessenta e um quente”. Vale dizer que ser “arma de combate”, como diz Padilha (2007), confere à literatura – e, conseqüentemente, à obra que será objeto de estudo neste trabalho – traços bastante específicos e que merecem atenção, a exemplo da tradição oral, que “[...] é relevante meio de resistência presente na literatura, pois, ao remeter ao passado, dá

⁵ Após a adoção da república como regime político em Portugal, o país enfrentou diversas crises, o que levou, em 1928, à tomada do poder pelos militares. Nesse contexto, emerge António de Oliveira Salazar, a princípio como Ministro das Finanças, mas que, posteriormente, assumiria o controle do país em um governo ditatorial. Seu regime pode ser dividido em três fases: a primeira, da ditadura militar, vai de 1928 a 1933; a segunda, o Estado Novo salazarista, dura de 1933 a 1968 e é marcada pela forte repressão política – nesse período encontra-se o início das lutas armadas pela libertação de Angola; a última fase, chamada de Marcellinismo, já tem como líder Marcello Caetano, que assume o poder em 1968, saindo apenas em 1974 (Silva, 2021).

⁶ União das Populações de Angola

⁷ A Revolução dos Cravos foi fruto das lutas anticoloniais, devida à impossibilidade de o “[...] exército português manter o esforço de guerra contra os grupos guerrilheiros de Angola, Guiné Bissau e Moçambique. E o desenvolvimento do processo revolucionário adquiriu cores socialistas, comunistas, social-democratas e maoístas, embora seu resultado seja a democracia liberal. [...] para os militares não se tratava, inicialmente, de fazer uma revolução, mas sim de preparar um golpe militar para salvar a sua ‘dignidade’ contra um regime que as expunha a uma derrota desonrosa e à vergonha de se responsabilizar pelo fim do império colonial” (Secco, 2013).

um novo significado ao presente, evidenciando uma identidade construída na diferença: isso é resistência” (Almeida; Rodrigues, 2019).

A oralidade, além de ser marca literária devido ao contexto, constitui-se em questão estilística de grande importância, que servirá, nas seções posteriores, para se demonstrar a relação entre as estruturas gramaticais utilizadas no conto e o efeito de tensão que nele existe. Antes dessa discussão, porém, na próxima subseção, será realizada a apresentação do enredo de *Nostempo de miúdo*, com o que será explorada sua relação com o contexto já explanado.

2.2 Enredo e personagens de *Nostempo de miúdo*: *Gente de paz, é a história que vou pôr*

O conto *Nostempo de miúdo* foi escrito pelo autor angolano Boaventura Cardoso⁸ e publicado pela primeira vez em 1977, no livro *Dizanga dia Muenhu*. A narrativa retrata duas “pelejas”, no dizer de Macêdo (2008, p. 148): uma partida de futebol entre crianças – fictícia – , e, em seguida, uma perseguição desses mesmos *monandengues*⁹ por militares “indígenas”, a serviço de Portugal, devido ao contexto da guerra anticolonial em Angola – ocorrido na realidade. Teodoro (2012, p. 35) assim resume o enredo do conto:

[...] a memória da guerra confunde-se com as lembranças da infância e o calor de uma partida de futebol, jogada pelas crianças. Entrelaçam-se as vivências e relatos de guerra nos quais a opressão é destacada. A vida de um musseque confunde-se com a memória da guerra em Angola nos anos 1960.

O enredo, vale lembrar, é apenas um dos elementos constitutivos do gênero narrativo. Além dele, há de se destacar a presença de personagens. A personagem é “[...] um ser humano ou antropomorfizado, investido de atributos, que pode ser identificado numa narrativa-ocorrência. [...] são elementos variáveis, em número ilimitado, que povoam as obras literárias e se encontram na estrutura de manifestação” (D’Onofrio, 2002, p. 89). Quando a personagem exerce uma ou mais funções actanciais, diz-se que se tem um “ator”.

As funções actanciais podem ser entendidas como as relações que se estabelecem entre as personagens, e são elementos constantes. Tais relações foram descritas por Vladimir

⁸Boaventura Silva Cardoso nasceu em 1944, em Luanda, Angola. Estudou Ciências Sociais na Pontifícia Universidade de São Tomaz de Aquino – “Angelicum”, de Roma. É escritor, diplomata de carreira e membro-fundador da Academia Angolana de Letras, da qual foi o primeiro presidente. Como escritor, publicou diversas obras, como os romances *O signo do fogo* (1992) e *Maio, mês de Maria* (1997) e os livros de contos *A morte do Velho Kipacaça* (1987) e *Dizanga dia Muenhu* (1977).

⁹[Angola] Criança ou rapaz jovem [...]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/monandengue>. Acesso em: 18 ago. 2023.

Propp, em sua obra *Morfologia do conto maravilhoso*, na qual analisou a forma de diversos contos de magia. Para Propp, esse gênero textual constitui-se em uma estrutura centrada “[...] na uniformidade das funções e na diversidade dos personagens” (Moreira, 2014, p. 47).

Feitas essas considerações gerais, é possível dizer que, na obra de Boaventura Cardoso, podem-se identificar algumas funções elencadas por Propp (2001)¹⁰ e que, inclusive, se fazem presentes no trabalho de análise de narrativas orais africanas realizado por Rosário (1989). Desse modo, a seguir, as personagens e suas funções serão descritas, sendo cada uma destas apresentada da maneira como o faz o próprio autor, por uma definição – uma palavra apenas – e um signo convencional, e conforme sua aparição no decorrer do enredo.

2.2.1 Situação inicial e as funções de proibição (γ) e transgressão (δ): Já nos tinham avisado. Seis horas recolher.

Inicialmente, ao contar um episódio que se passou durante sua infância – coincidente com o período da guerra anticolonial –, o narrador relata um jogo de bola entre ele e outras crianças. Assim, a cena que abre o conto parece revelar uma atividade de lazer totalmente despreocupada:

Manecas na baliza imobilizou o avanço. Bola marchando, Pedrito puxa para Lito, este corre já em direção à linha divisória, entretanto, o sete recebe-lhe o esférico, finta brasadamente, tenta distribuir o jogo, corta agora Nené Gordo, miá, Cachaça dono do esférico, vai agora! remata rasteiro para Zeca em progressão, estica para o lado direito e a bola lateralmente fugindo. Pontapé no canto. Zero zero, tabuada em branco. Pernas velozes pisávamos espaço retangular, suarentas catíngas, transpirávamos, nós camisolados, eles costas reluzentes. Na corrida outra vez, jogada agora no campo de lá, avança Totoxe (tem Xaxa – do nome dele outro), corta, miá, miá, mialalá, Paulo aparecendo leva faiscadamente o esférico, atenção!, jogada lixada, defensiva formada na batiza azarenta, e remata por cima da trave! Jogo renhido no Campo da Companhia Indígena. Trumuno¹¹ com altos e baixos, ninguém que tinha tempo para descansar só. Bola que andava já, jogo ainda em campo metade, o cinco dominando a situação, tenta passar para o oito, surge Paulo, não consegue, jogo então veio no nosso campo. Bucho se defende, Quinzé secunda, faz uma reviença¹², miá, dá para Rataças. É pontapé de baliza. Maxinde contra Quinze de Agosto. Defensiva preparada, Zeca capitão da turma na voz de comando. Suor banhando corpos movimentados. Rasteiramente a bola corre a nos trazer azar, mas surge Manecas... *Boa defesa!* (Cardoso, 1982, p. 27).

Tem-se, aí, uma situação inicial. É preciso dizer de antemão, contudo, que o conto *Nostempo de miúdo* é construído a partir de uma sobreposição de planos, ou de duas peijas:

¹⁰ O autor elenca 31 funções dos personagens. No entanto, no conto de Boaventura Cardoso, não é possível identificar todas elas, razão pela qual nem todas serão discutidas neste trabalho.

¹¹ Desafio de futebol.

¹² Finta, drible.

“[...] paulatinamente, mistura-se à narração futebolística uma outra peleja: a perseguição movida pela polícia aos nacionalistas e à população dos musseques” (Macêdo, 2008, p. 148). Desse modo, chama-se a atenção para o fato de que a situação inicial acima tem relação apenas com um dos planos: o da estória; a situação inicial da “História dentro das estórias” (*ibid.*) só se apresentará mais tarde na obra, com a utilização do recurso do *flashback* pelo narrador.

Em relação ao narrador, cabe fazer referência, mais uma vez, à análise de Macêdo (2008), para quem há três vozes na primeira cena: além do narrador, que relembra sua infância, há também o locutor e a torcida, “[...] todas elas convergindo para o jogo que é apresentado ao leitor e indicia significados” (p. 149). De fato, o locutor da partida é perceptível através dos verbos conjugados no tempo presente, *e. g.* “puxa”, “corre”, “recebe” – esse recurso aproxima os eventos narrados do leitor, dando-lhe a sensação de estar, ele mesmo, presenciando o jogo (Rezende, 2009); a torcida é quem diz “miá, miá, mialalá”; e a narração da estória, em si, é evidente pelo uso de verbos no pretérito, *e. g.* “pisávamos”, “transpirávamos”.

O narrador, na obra de Boaventura Cardoso, classifica-se como narrador-personagem, mais especificamente, como narrador-protagonista, segundo a definição de D’Onofrio (2002). O autor afirma, sobre o narrador-protagonista:

O eu que narra se identifica com o eu da personagem principal que vive os fatos. Trata-se de um ator que acumula o papel de sujeito da enunciação e de sujeito do enunciado. Ele nos conta uma história por ele vivida, a história de uma parcela de sua existência. É através de seus olhos e de seus sentimentos que são apresentados os elementos constitutivos da narrativa: os fatos, as outras personagens, os temas e os motivos, as categorias do tempo e do espaço (D’Onofrio, 2002, p. 62).

É possível atribuir essa definição ao narrador de *Nostempo de miúdo*, principalmente pela utilização dos verbos conjugados em 1ª pessoa¹³ e no pretérito¹⁴.

Apesar da descontração que se apresenta no primeiro momento do conto, predomina na estória, ambientada no contexto da guerra anticolonial, uma tensão psíquica – elemento constitutivo da estrutura narrativa, como mostra D’Onofrio (2002, p. 77):

Encontrando-se separado do objeto-valor a que aspira, o sujeito do enunciado de estado disjuntivo é induzido a iniciar um projeto narrativo, equivalente a um programa de vida, visando à passagem do estado disjuntivo para o estado conjuntivo, isto é, conseguir suprir a carência, causa da tensão psíquica.

¹³ Na primeira cena do conto, é utilizada a 1ª pessoa do plural; no entanto, pela definição já fornecida de “personagem”, os outros meninos que jogavam bola com o protagonista não exercem esse papel – à exceção de Zeca, que será explorado adiante –, visto que não desempenham funções actanciais.

¹⁴ A utilização de tempos verbais do pretérito mostra que o narrador está “[...] misturando sensações presentes com lembranças do passado” (D’Onofrio, 2002, p. 62), mais uma característica do narrador-protagonista.

A carência a que se refere D’Onofrio tem relação, principalmente, com o plano narrativo da História (Macêdo, 2008): as personagens carecem de liberdade; este é o objeto-valor a que aspiram e de que estão separadas. Complementarmente, a partida de futebol, que constitui o outro plano narrativo – o da estória – serve, por um lado, como metáfora da guerra que só se revelará mais tarde no conto; a carência, nesse caso, personifica-se na necessidade de vitória de um time sobre o outro.

Por outro lado, porém, a importância do jogo de bola vai além disso, pois a brincadeira acontecia após o toque de recolher – instrumento de repressão salazarista (cf. 2.1) –, o que, naquele contexto, consistia em uma “violação de contrato”. Segundo D’Onofrio (2002), esse contrato é implícito e está firmado na organização social, de modo que “[...] o indivíduo deve admitir uma hierarquia de valores e a ela subordinar-se” (p. 78). Em *Nostempo de miúdo*, o contrato já estava posto antes da partida de futebol com que se começa a estória, e constitui, portanto, a situação inicial da “História dentro das estórias”. Por meio do *flashback*, o narrador o demonstra:

Traquinice nos tempo das férias? Eh! Se vos conto, me pagas quê então? Bem. Era uma vez... não me lembro mais. Ih! Não faz mais truques, pá. Conta lá, pá. *Gente de paz*, é a história que vou pôr. Aconteceu nos tempo das confusões um dia, palavra d’honra. Ninguém si ri.

Já nos tinham avisado. Seis horas recolher. Patrulha atirar só. Sessenta e um quente. Cuidado! Pimentel barbudo sanguinário, olhos na mira fúnebre. Sô Rocha nacionalista feroso já lhe mataram então. Cuidado! Seis horas recolher. Patrulha atirar só. Sessenta e um quente (Cardoso, 1982).

O estabelecimento desse contrato e sua quebra pelas crianças constituem duas das funções apresentadas por Propp (2001): a “proibição” (γ), cujo nome é autoexplicativo; e, em contrapartida, a transgressão (δ). Com esta última, as personagens encontram-se desprotegidas, e a tensão psíquica a que se refere D’Onofrio (2002) aumenta, transformando-se em medo, já que “Dessa desproteção aproveita-se o vilão para cometer o ‘dano’” (D’Onofrio, 2002, p. 79). Apesar disso, é preciso lembrar o que diz Padilha (2007, p. 182): “[...] para que haja o jogo, é preciso também transgredir o estabelecido pela interdição da classe dominante [...]”. A classe dominante de que trata Padilha (2007) é o antagonista, em *Nostempo de miúdo*, que será explorado a seguir.

2.2.2 O antagonista e a função de perseguição (Pr): Caminho andado com a vizinhança do perigo

À cena de abertura do conto, segue-se um momento tenso, de expectativa, pois Manecas, ao ir buscar a bola, não retorna ao campo. Surge a dúvida em seus companheiros: “Olhares de pergunta nos outros” (Cardoso, 1982, p. 28), mas essa logo é sanada. Longe de dissipar-se a tensão, porém, a narrativa reforça-a, com a representação de mais uma função descrita por Propp, a perseguição (Pr):

Companhia Indígena toda, cinturões desapertados, eué!, no cerco do triângulo. Vão nos agarrar!

Manecas foi o primeiro quem lhes topou na preparação do cerco. Desafio suspenso no campo dá desafio fora do jogo, sem penalidade. A velocidade nos pés era grande, nem mesmo que compreendíamos só como é que estávamos a correr então. Nené Gordo empalitava maravilhosamente na barrida. Muros altos eram terra plana em nossas pernas correndo. Soldados disparados atrás de nós, cavalgando metros (Cardoso, 1982, p. 28).

A perseguição, aqui, é feita pela polícia local, formada por soldados a serviço de Portugal. A Companhia Indígena cumpre, portanto, o papel de antagonista, de vilão (D’Onofrio, 2002), que é a personagem que comete o “dano”, ou castigo, punição pela transgressão. Em *Nostempo de miúdo*, o dano não se concretiza, mas tampouco o equilíbrio é restabelecido, de modo que a tensão não deixa de existir.

2.2.3 Os ajudantes e as funções de interrogatório (ξ) e fornecimento (F): Minha mão na mão de Zeca. Selagem fraterna.

Com a introdução dos antagonistas – os soldados – na narrativa, e a perseguição, inicia-se a fuga das crianças: “Cada um na busca de lugar seguro” (Cardoso, 1982, p. 28). A perseguição continua, e, somados a ela, há momentos de “interrogatório” (ξ), função caracterizada pela tentativa do antagonista de obter uma informação. De fato, em *Nostempo de miúdo*, há duas passagens que representam essa função. Será mostrada, primeiramente, a segunda ocorrência, devido a uma sequenciação lógica das explicações realizadas aqui, pois a primeira ocorrência tem relação direta com outra função, que será discutida posteriormente.

Um dos trechos do conto de Boaventura Cardoso que ilustra a função ξ é o seguinte: “*Quem vem aí?* – a pergunta sinistra que esperávamos. Paramos. Quietos. Nem mais um passo. [...]. *Quem vem aí?* [...] – o guarda queria saber adonde vínhamos” (Cardoso, 1982, p. 29,

grifos meus). Nesse excerto, é possível verificar, claramente, nos grifos, que os antagonistas procuram obter informações acerca das personagens principais, deixando evidente a função “interrogatório”. Agora, há ainda de se analisar o outro trecho correspondente à função ξ , que, na ordem da estória, antecede aquele já mostrado:

Que que foi, meninos? – Tia Cristina pegou susto. A resposta ninguém que dava. Nem já só fala para falar. Nada. Cada um na busca de lugar seguro. Ouvimos então as vozes e os passos soldadescos. Aí o coração que se ia lixando. No entendimento da nossa aflição, Tia Cristina lhes esperou mesmo lá fora. **Aqui? Não, senhor, não vi meninos entrar**” (Cardoso, 1982, p. 28, grifo meu).

Nesse momento, além da função ξ , é possível identificar outra: a função “fornecimento” (F). Propp (2001) subdivide essa função de acordo com situações diversas, dentre as quais encaixa-se, aqui, esta: “ F^9 Diferentes personagens colocam-se voluntariamente à disposição do herói” (p. 28). A personagem Tia Cristina, de fato, age voluntariamente para auxiliar as crianças, despistando os guardas e permitindo, assim, a continuidade da fuga dos pequenos. Ela exerce, portanto, o papel de ajudante:

O sujeito, em sua caminhada rumo à posse do objeto-valor, geralmente precisa do auxílio de outro actante. [...] o herói, no começo da narrativa, normalmente possui apenas o querer, faltando-lhe o saber e o poder. Esse poder lhe é fornecido pelo actante ajudante, que pode ser o doador ou outro ator que tem a incumbência de auxiliar o herói (D’Onofrio, 2002, p. 89).

Além de Tia Cristina, outra personagem exerce a função F^9 : Zeca.

Zeca (pai dele lhe chamavam Canhoto) me deu coragem: “Se nos perguntarem quem vem aí, vamos falar é gente de paz. Em Luanda uma vez ma safei assim”. Nem lhe ouvi mais. Podia? O medo sempre comigo.

[...] Segurei na mão de Zeca. Cuidado! Sessenta e um quente. Seis horas recolher. Vamos morrer! *Quem vem aí?* – a pergunta sinistra que esperávamos. Paramos. Quietos. Nem mais um passo. Zeca falou baixo: “Vamos falar é gente de paz. Anda!” Fala está onde então? Minhas pernas desmaiando. *Quem vem aí?* Arma fogando já quase. [...] Minha mão na mão de Zeca. Selagem fraterna. “Nossa mãe está doente, fomos na farmácia” – o guarda queria saber adonde vínhamos. Foi Zeca que conseguiu responder (Cardoso, 1982, p. 29).

Na situação assustadora em que estavam, o protagonista e Zeca, este é o responsável, com sua esperteza, por livrá-los, ambos, do dano. Sendo o narrador o protagonista da estória, o *herói*, Zeca é, assim como Tia Cristina, seu ajudante e, também como ela, coloca-se voluntariamente à disposição do amigo, o que, inclusive, “[...] equivale a entregar-se a si mesmo” (Propp, 2001, p. 28).

2.2.4 Situação final e a função de salvamento, resgate (Rs): Era só correr. Sempre em frente.

A última função presente em *Nostempo de miúdo* é o “salvamento” ou “resgate” (Rs), em que o herói é salvo da perseguição. Nos contos que são objetos de estudo de Propp (2001), esse resgate pode se dar de diversas formas. Na narrativa de Boaventura Cardoso, pode-se atribuir o salvamento, principalmente, à esperteza de Zeca, conforme visto anteriormente. Com isso, o protagonista consegue escapar dos guardas:

Corrida louca começamos já. Mas... no escuro da noite ameaçando furar nossas barrigas, uma baioneta. Zeca bravou: “Nosso guarda já nos disse para passar, ximba¹⁵ dum raio, mé”. “Eu ximba? Eu ximba?” – a mão da morte fazia-nos recuar. De repente alguém gritou a ordem de passagem. Nem já as poças d’água chuvosa se víamos. Era só correr. Sempre em frente (Cardoso, 1982, p. 29-30).

A passagem acima não é, textualmente, a última da estória, mas retrata sua situação final. Segundo Propp (2001), esse desfecho é comum, apesar de não se aplicar a todos os contos. O autor afirma:

Numerosos contos terminam no momento em que o herói é salvo de seus perseguidores. Ele volta ao lar [...]. Mas nem sempre é assim. Às vezes, o conto maravilhoso submete o herói a novas adversidades. O inimigo reaparece, rouba o objeto que o herói conseguira, mata-o etc. Resumindo, o dano que constituía o nó da intriga se repete, às vezes sob as mesmas formas, outras vezes sob formas diferentes [...] (p. 33-34).

Ora, deve-se lembrar que o conto se passa no primeiro ano da Guerra de Independência de Angola, o “sessenta e um quente”. Sendo assim, o episódio de perseguição pelos guardas foi bem-sucedido, mas isso não significa o fim da luta. Por essa razão é que, textualmente, a situação final da estória é a seguinte: “Já nos tinham avisado. Seis horas recolher. Patrulha atirar só. Sessenta e um quente. Cuidado! Pimentel barbudo sanguinário, olhos na mira fúnebre. Sô Rocha nacionalista fegoso já lhe mataram. Cuidado! Seis horas recolher. Sessenta e um quente” (Cardoso, 1982).

O narrador retoma algo que já havia sido dito em outro momento da narrativa, como um lembrete de que o que havia sido vivenciado poderia voltar a ocorrer. Pode-se dizer que ele repete o trecho como um alerta a si mesmo e como sinal de arrependimento, pois, caso não “jogassem esquecidos de tudo”, ele e os demais garotos não teriam enfrentado tal perigo.

¹⁵ Policial, soldado.

Há, nesse lembrete, especialmente pelo arrependimento que nele se mostra, a permanência da tensão psíquica de que trata D'Onofrio (2002), uma vez que a carência e o medo do dano ainda existem. O antagonista ainda não fora derrotado e, portanto, a liberdade ainda não se havia concretizado.

3 A TENSÃO COMO ELEMENTO ESTRUTURAL DO CONTO *NOSTEMPO DE MIÚDO: NOSSO GUARDA ATIRA?*

*Vou pelas ruas
às apalpadelas
encostado aos meus informes sonhos
tropeçando na escravidão
ao meu desejo de ser.¹⁶*

– Agostinho Neto

Conforme exposto anteriormente, o enredo de *Nostempo de miúdo* envolve duas peijas (Macêdo, 2008). D’Onofrio (2002) utiliza-se dos termos *trama* e *fábula* para referir-se à narrativa em si e ao contexto histórico que a subjaz, respectivamente.

Em *Nostempo de miúdo*, a primeira peija engloba o jogo de futebol, enquanto a segunda peija é caracterizada pelo contexto histórico, cujos eventos são apresentados, vez ou outra, pelo narrador. *A priori*, pode-se dizer, portanto, que a tensão que permeia a narrativa de Boaventura Cardoso tem duas facetas.

Ambas as facetas compõem um estado de tensão psíquica (D’Onofrio, 2002), pois, como visto na seção anterior, as personagens do conto apresentam uma carência: em relação ao plano da História, a carência é de liberdade, que, por sua vez, é metaforizada pela carência de vitória de um time sobre o outro no jogo de futebol que compõe a estória. Além disso, as crianças correm o risco de sofrer um dano – castigo ou punição pela transgressão da proibição imposta pela classe dominante.

Em decorrência desses fatores, as personagens apresentam, em alguns momentos, os seguintes “sintomas”, encontrados no *Novo Dicionário Aurélio*, relacionados ao estado de tensão:

tensão

[Do lat. tard. *tensione*.]

Substantivo feminino.

[...]

2. Fisiol. Med. Psiq. Estado em que há sensação ou de retesamento (de músculos estriados esqueléticos, p. ex.), ou em que se é levado além de um limite normal de emoção.

3. Med. Estado de grande aplicação ou concentração física e/ou mental.

[...]

Tensão nervosa. 1. Med. Sensação de apreensão, incerteza, medo.

¹⁶ Trecho do poema *Noite*.

O narrador-protagonista demonstra essas sensações, textualmente: “Nem já só fala para falar. [...] Aí o coração que se ia lixando. [...] Vínhamos andando assustados. [...] O medo sempre comigo. [...]. Ouvíamos só nossos passos e o vento cortante nas árvores nos punha susto. [...] Minhas pernas desmaiando” (Cardoso, 1982).

É interessante, contudo, observar que a tensão é um efeito possível de ser experimentado não apenas pelas personagens, mas também pelo leitor do conto de Boaventura Cardoso. Essa possibilidade deve-se, em grande medida, à sugestividade presente na estória, que “[...] instiga e intriga a curiosidade do leitor, monitorando a tensão e desenvolvendo a densidade [...]” (Rezende, 2009, p. 211). É possível perceber essa sugestividade, textualmente, no seguinte trecho:

Paramos e olhamos. Respiração batucante ainda. Manecas traz a bola! – vozeamos. Guardião na fuga rápida com o esférico de borracha. A interrogação prendia nossos pensamentos. Ó Manecas traz a bola! – vozeamos juntamente. Olhares de pergunta nos outros. Rataças, corpo mosquito, dá também de correr (Cardoso, 1982, p. 27-28).

Os atos de parar e olhar, a referência à dúvida, à interrogação e aos “olhares de pergunta” marcam a sugestividade, aumentando a tensão. Assim, provoca-se no leitor a ânsia de compreender os acontecimentos, tal como as próprias personagens o sentem. Urge, dessa maneira, buscar respostas às dúvidas suscitadas, o que faz com que o leitor experimente, também, certa tensão, em uma simbiose com as personagens (Rezende, 2009).

No trecho supracitado da estória, existe a expectativa – tanto por parte das personagens quanto do leitor – de que o garoto desaparecido retorne, e o jogo prossiga. Não se sabe, porém, se isso irá acontecer de fato. Assim, a tensão presente neste momento da narrativa ganha os contornos que define Baroni (2007, p. 18), para quem

a tensão é o fenômeno que ocorre quando o intérprete de uma história é estimulado a esperar por um desfecho, sendo essa expectativa caracterizada por uma antecipação tingida de incerteza que confere traços passionais ao ato de recepção. A tensão narrativa será, assim, considerada como um efeito poético que estrutura a narrativa e reconheceremos nela o aspecto dinâmico ou a “força” do que se costuma chamar de enredo [tradução minha]¹⁷.

A conceituação de “tensão” fornecida por Baroni chama a atenção por duas razões: a primeira é que o autor destaca o *intérprete*, *i. e.*, o leitor – figura que se vinha discutindo até

¹⁷ la tension est le phénomène qui survient lorsque l’interprète d’un récit est encouragé à attendre un dénouement, cette attente étant caractérisée par une anticipation teintée d’incertitude qui confère des traits passionnels à l’acte de réception. La tension narrative sera ainsi considérée comme un effet poétique qui structure le récit et l’on reconnaîtra en elle l’aspect dynamique ou la <<force>> de ce que l’on a coutume d’appeler une intrigue.

então; a segunda é a classificação de tensão como efeito que estrutura a narrativa. Para Baroni, trata-se, ainda, de um *efeito*, e, como tal, deve ter uma causa.

O que se defende no presente trabalho é que a tensão em *Nostempo de miúdo*, é fruto da relação entre o contexto histórico e a maneira como o conto é construído, *i. e.*, na forma como se dispõem os seus elementos. Esse último aspecto tem ligação com a estrutura narrativa, e esta, por sua vez, serve-se da estrutura linguística utilizada pelo autor da obra, que inclui, por exemplo, construções oracionais – foco deste trabalho.

Em relação à estrutura narrativa, em particular à estrutura do conto, vale ressaltar uma característica que o define como conto: trata-se da extensão curta. Conforme exposto anteriormente, o enredo de *Nostempo de miúdo* envolve duas pelejas (Macêdo, 2008) ou duas histórias (Piglia, 2004 *apud* Rezende, 2009). Não se deve pensar, contudo, que a existência de duas narrativas, em paralelo, confere extensão ao conto. Ao contrário, o texto se desenrola em apenas quatro páginas, obedecendo o critério da brevidade do gênero, defendido por Poe (1846).

Por exigir curta extensão, Cortázar (2008, p. 152) afirma que “O tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal [...]”. Por essa razão, Poe (1846) defende que o espaço fechado é mais eficiente, mais propício para se atingir um efeito. No conto de Boaventura Cardoso, porém, o espaço não é fechado: as crianças brincavam “no Campo da Companhia Indígena” e, com a aparição dos militares, fogem, correndo pelas ruas da cidade. O espaço, portanto, é aberto. No entanto, essa é uma definição de espaço que considera apenas uma perspectiva interna, *i. e.*, puramente textual. Todavia, a análise pode ir além disso, pois

não se trata apenas de situar e focalizar o espaço narrativo em uma perspectiva *interna* [...], mas, principalmente, questionar os valores que expressa, a visão de mundo que carrega. Em outras palavras, a partir das tensões e valores propostos pelo texto, chegar às relações extratextuais.

O elo entre texto e contexto se faz, portanto, a partir do espaço narrativo e de como ele é capaz de elaborar um “sistema geral” que está na base de um quadro de valores (Macêdo, 2008, p. 26).

Sendo assim, embora se tenha um espaço aberto, contrariando o que defende Poe (1846), a tensão se manifesta na obra devido aos valores que a subjazem, relacionados a questões ideológicas ligadas ao contexto nela presente. Com isso, estabelece-se um cenário tenso, espiritual e formalmente, como aponta Cortázar (2008).

Isso mostra que a tensão de que trata Baroni (2007) é, no texto de Boaventura Cardoso, além de um aspecto emocional, um elemento estrutural que reflete a tensão política, social e ideológica atravessada pelo povo angolano no período de que trata *Nostempo de miúdo*.

Porém, essa narrativa compõe apenas o plano da estória, e, assim, respeita-se a extensão do texto.

Outro fator que muito contribui para a brevidade do conto – e, por conseguinte, para o estabelecimento da tensão – é a maneira como se constrói o plano narrativo que envolve a partida de futebol, convertida em fuga e concluída com o salvamento das personagens. Sendo assim, pode-se analisar as estruturas linguísticas empregadas no decorrer do texto. Sobre isso, um aspecto que chama atenção é o emprego de “verbos pontuais” – ações mais reduzidas temporalmente (Azevedo, 2005) –, exigidos pela situação que está sendo narrada, *e. g.* “puxa”, “corre”, “recebe”, “remata”, “surge”, “vozeamos”, “topou”, “correr”, “atirar”, “gritou”, “paramos”.

A seleção desses verbos impacta diretamente o processamento cognitivo do leitor – que, como já foi visto, experimenta sensações semelhantes àsquelas sentidas pelas personagens, o que significa que o processamento cognitivo destas também é impactado. Por sua vez, a questão cognitiva é importante aqui porque estratégias dessa natureza demandam que os interlocutores realizem “cálculos mentais” (Koch, 1996). Ora, “cálculos mentais” não são breves, não são reduzidos. Desse modo, não combinam com nenhum dos tipos de tensão discutidos aqui. No entanto, verbos pontuais exigem menos esforço cognitivo (Azevedo, 2005), de modo que a tensão ganha mais espaço.

É preciso salientar ainda que não apenas a seleção dos verbos contribui para o estabelecimento da tensão. Além disso, é necessário observar a forma como esses verbos se relacionam na estrutura textual, ou seja, a sintaxe. Dessa maneira, cabe avaliar os processos sintáticos de que se compõe a narrativa, que serão o foco da próxima seção, em que serão feitas a caracterização e as devidas conceituações desses processos sintáticos.

4 BREVE CARACTERIZAÇÃO DAS ARTICULAÇÕES ORACIONAIS PRESENTES EM *NOSTEMPO DE MIÚDO: BOLA MARCHANDO, PEDRITO PUXA PARA LITO, ESTE CORRE JÁ...*

*Havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente¹⁸*

– Agostinho Neto

4.1 Visão tradicional e visão funcionalista sobre a articulação oracional: *Zero zero, tabuada em branco*

A fim de melhor entender como a tensão se estabelece em *Nostempo de miúdo*, além do conhecimento do contexto sócio-histórico a que o conto faz referência e da compreensão das relações estabelecidas entre as personagens, *i. e.*, as suas funções, faz-se importante analisar a forma do texto, que também contribui para a construção de sentidos. Assim, tendo sido feitas, nas seções anteriores, as considerações mais gerais sobre o conto *Nostempo de miúdo* e sobre o elemento *tensão*, que suscitaram a análise a ser desenvolvida aqui, partir-se-á, agora, para as unidades menores que compõem a narrativa angolana e que são objeto deste estudo: as orações. *A priori*, é preciso lembrar que as orações são objeto de estudo da Sintaxe da língua, que é um dos componentes do tripé gramatical da língua portuguesa, ao lado da Fonologia e da Morfologia. Por essa razão, é possível tratar desses elementos utilizando-se de diversas abordagens do campo da Linguística.

Neste trabalho, será adotada a visão funcionalista da língua, segundo a qual esta “[...] não pode ser um sistema autônomo, antes só pode ser compreendida em referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução” (Pena-Ferreira; Lima, 2019, p. 5-6). Antes de discutir o tratamento dado às orações pelo Funcionalismo, contudo, vale também expor a visão tradicional sobre esse tema.

De acordo com a Gramática Tradicional (doravante GT), a articulação oracional é estudada a partir da classificação do período composto – aquele que é formado por mais de um verbo, núcleo da oração. O período composto, por sua vez, conforme essa abordagem, é constituído por dois processos que se opõem conforme o critério da (in)dependência sintática:

¹⁸ Trecho do poema *Havemos de voltar*.

trata-se da coordenação e da subordinação. Assim, “Ocorre a coordenação quando há uma independência sintática entre as orações, ou seja, ambas reúnem em si todas as funções de que se necessita para se constituírem por si só unidades do discurso, ao passo que, na subordinação, há uma dependência sintática entre elas” (Rúbio, 2011, p. 27-28).

As orações coordenadas são, desse modo, classificadas em tipos de acordo com os conectores que as ligam. Bechara (2019) as divide, segundo esse critério, em aditivas – quando adicionam duas ou mais orações –, adversativas – quando contrapõe-se o conteúdo de uma oração ao da outra – e alternativas – quando contrapõe-se o conteúdo de uma oração ao da outra e exclui-se um deles. Essas orações coordenadas introduzidas por conectores são chamadas de *sindéticas*; há também aquelas que não contam com a presença de conectores e que, por essa razão, denominam-se *assindéticas* na GT.

As orações subordinadas são classificadas, grosso modo, da mesma maneira que as coordenadas: são levadas em consideração as conjunções que introduzem as orações subordinadas, que, para Bechara (2019, p. 486), “[...] exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa”. A subdivisão das orações subordinadas é, destarte, feita da seguinte forma pela GT (Lopes, 2010):

1. Orações subordinadas substantivas
 - (a) Subjetiva
 - (b) Objetiva direta
 - (c) Objetiva indireta
 - (d) Completiva nominal
 - (e) Predicativa
 - (f) Apositiva
2. Orações subordinadas adjetivas
 - (a) Restritiva
 - (b) Explicativa
3. Orações subordinadas adverbiais
 - (a) Causal
 - (b) Comparativa
 - (c) Concessiva
 - (d) Condicional
 - (e) Conformativa
 - (f) Consecutiva

- (g) Final
- (h) Proporcional
- (i) Temporal

Para o Funcionalismo, porém, é necessário considerar duas dimensões para interpretar os elementos de um complexo – sequência de orações estruturalmente ligadas (Rúbio, 2011). A primeira dimensão tem a ver com o grau de interdependência (Halliday, 2014); a segunda tem a ver com as relações lógico-semânticas estabelecidas entre as orações. Sobre a primeira dimensão, Halliday (2014, p. 440) diz:

O grau de interdependência é conhecido tecnicamente como **taxe**; e os dois graus diferentes de interdependência, como parataxe (status igual) e hipotaxe (status desigual). **Hipotaxe** é a relação entre um elemento dependente e seu dominante, o elemento do qual ele é dependente. Contrastando com isso está a **parataxe**, que é a relação entre dois elementos semelhantes de status igual (tradução minha, grifos do autor)¹⁹.

Já a respeito das relações lógico-semânticas, segundo Rúbio (2011), pode-se ter: 1) a expansão; ou 2) a projeção. A expansão pode se dar por elaboração – quando há reafirmação do conteúdo de uma oração por outra –, por extensão – quando há acréscimo de um novo elemento em uma oração por outra –, ou por realce – quando há qualificação, por aspectos circunstanciais, de uma oração por outra. Rúbio (2011, p. 28-29) diz ainda que “A projeção, por sua vez, ocorre quando uma oração se projeta sobre a outra, funcionando como representação da própria representação linguística”.

Além da hipotaxe e da parataxe e das relações lógico semânticas já colocadas, Halliday (1985 *apud* Rúbio, 2011) apresenta um mecanismo chamado *encaixamento*, que consiste em uma oração funcionar como elemento constituinte da estrutura de outra.

De acordo com os dizeres de Halliday e Rúbio, é possível perceber que o Funcionalismo apresenta critérios mais elaborados para a classificação das orações, com base em suas relações umas com as outras, que, segundo essa abordagem, não são fixas, mas podem sofrer alterações a depender das situações comunicativas em que são empregadas.

Tendo sido discutidos, nesta subseção, os modos como são classificadas as orações considerando-se a visão da GT e do Funcionalismo, demonstrar-se-á, na subseção seguinte, que tipo(s) de orações são predominantes em *Nostempo de miúdo*.

¹⁹ Degree of interdependency is known technically as **taxis**; and the two different degrees of interdependency as **parataxis** (equal status) and **hypotaxis** (unequal status). **Hypotaxis** is the relation between a dependent element and its dominant, the element on which it is dependent.4 Contrasting with this is **parataxis**, which is the relation between two like elements of equal status, one initiating and the other continuing.

4.2 Classificação das orações presentes em *Nostempo de miúdo: Trumuno com altos e baixos*

A fim de ilustrar suas colocações sobre a classificação das orações feita pela GT e pelo Funcionalismo, Rúbio (2011) apresenta um quadro de orações classificadas de acordo com as duas abordagens – mais especificamente, por Halliday, no caso do Funcionalismo. Abaixo, consta o Quadro 1, uma adaptação daquele elaborado pela autora, cuja diferença principal em relação ao seu original é a utilização de orações encontradas no conto *Nostempo de miúdo*.

Quadro 1 – Classificação de orações encontradas em Cardoso (1982) de acordo com a Gramática Tradicional e com o *complexing* de Halliday

	Combinações das dimensões do <i>complexing</i> de Halliday	Classificação da Gramática Tradicional	Orações da obra
1	Combinação da <i>elaboração com a parataxe</i>	Coordenadas assindéticas (justapostas)	“[...] Pedrito <u>puxa</u> para Lito, este <u>corre</u> já em direção à linha divisória, entretanto, o sete <u>recebe</u> -lhe o esférico, <u>finta</u> brasadamente, <u>tenta distribuir</u> o jogo, <u>corta</u> agora Nené Gordo, miá, Cachaça dono do esférico, <u>vai</u> agora!”
2	Combinação da <i>elaboração com a parataxe</i>	Coordenadas assindéticas (justapostas)	“[...] <u>remata</u> rasteiro para Zeca em progressão, <u>estica</u> para o lado direito e a bola lateralmente fugindo.”
3	Combinação da <i>elaboração com a parataxe</i>	Coordenadas assindéticas (justapostas)	“Pernas velozes <u>pisávamos</u> espaço retangular, suarentas catíngas, <u>transpirávamos</u> [...].”
4	Combinação da <i>elaboração com a parataxe</i>	Coordenadas assindéticas (justapostas)	“Na corrida outra vez, jogada agora no campo de lá, <u>avança</u> Totoxe (<u>tem</u> Xaxa – do nome dele outro), <u>corta</u> , miá, miá, mialalá, Paulo aparecendo <u>leva</u> faiscadamente o esférico, atenção!, jogada lixada, defensiva formada na batiza azarenta, e <u>remata</u> por cima da trave!”
5	Combinação entre <i>realce e hipotaxe</i>	Oração conhecida tradicionalmente como “adverbial final”	“Trumuno com altos e baixos, ninguém que tinha tempo para <u>descansar</u> só.”

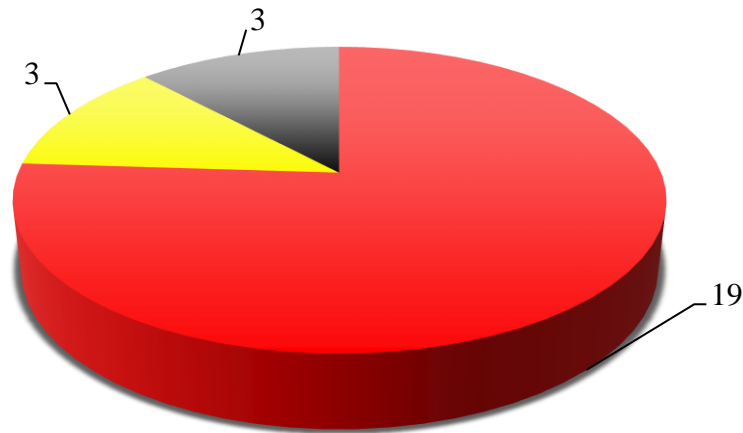
6	Combinação da <i>elaboração com a parataxe</i>	Coordenadas assindéticas (justapostas)	“Bola que <u>andava</u> já, jogo ainda em campo metade, o cinco dominando a situação, <u>tenta passar</u> para o oito, <u>surge</u> Paulo, não <u>consegue</u> , jogo então <u>veio</u> no nosso campo.”
7	Combinação da <i>elaboração com a parataxe</i>	Coordenadas assindéticas (justapostas)	“Bucho se <u>defende</u> , Quinzé <u>secunda</u> , <u>faz</u> uma revenga, miá, <u>dá</u> para Rataças.”
8	Combinação da <i>extensão com a parataxe</i>	Coordenadas sindética adversativa	“Rasteiramente a bola corre a nos trazer azar, mas <u>surge</u> Manecas...”
9	<i>Encaixamento</i>	Subordinadas adjetivas restritivas	“Jogávamos esquecidos de tudo, até dos exames que <u>estavam</u> vizinhos.”
10	Combinação da <i>extensão com a parataxe</i>	Coordenada sindética aditivas	“ <u>Paramos</u> e <u>olhamos</u> .”
11	Combinação de <i>projeção e parataxe</i>	Discurso direto (ou citação)	“Manecas <u>traz</u> a bola! – vozeamos.”
12	Combinação de <i>projeção e parataxe</i>	Discurso direto (ou citação)	“ <u>Corre!</u> Lhe <u>agarra</u> mesmo!”
13	Combinação da <i>elaboração com a parataxe</i>	Coordenadas assindéticas (justapostas)	“A velocidade nos pés <u>era</u> grande, nem mesmo que <u>compreendíamos</u> só como é que estávamos a correr então.”
14	Combinação de <i>projeção e parataxe</i>	Discurso direto (ou citação)	“Que que <u>foi</u> , meninos? – Tia Cristina <u>pegou</u> susto.”
15	Combinação de <i>projeção e parataxe</i>	Discurso direto (ou citação)	“No entendimento da nossa aflição, Tia Cristina lhes esperou mesmo lá fora. Aqui? Não, senhor, não <u>vi</u> meninos <u>entrar</u> .”
16	Combinação entre <i>realce e hipotaxe</i>	Oração conhecida tradicionalmente como “adverbial condicional”	“Se vos <u>conto</u> , me <u>pagas</u> quê então?”
17	Combinação de <i>projeção e parataxe</i>	Discurso direto (ou citação)	“Se nos perguntarem quem vem aí, <u>vamos falar</u> é gente de paz. Em Luanda uma vez ma <u>safei</u> assim”.

18	<i>Encaixamento</i>	Subordinada substantiva objetiva direta	“Vontade de falar <u>perdemos</u> .”
19	Combinação de <i>projeção e parataxe</i>	Discurso direto (ou citação)	“ <u>Vamos falar</u> é gente de paz. <u>Anda!</u> ”
20	Combinação de <i>projeção e parataxe</i>	Discurso direto (ou citação)	“Nossa mãe <u>está</u> doente, <u>fomos</u> na farmácia”
21	Combinação de <i>projeção e parataxe</i>	Discurso direto (ou citação)	“Meninos, <u>tenham</u> cuidado, não <u>são</u> horas de andar. <u>Podem passar</u> .”
22	<i>Encaixamento</i>	Subordinada substantiva objetiva direta	“Começamos então a <u>sentir</u> a vida renovada.”
23	Combinação entre <i>realce e hipotaxe</i>	Oração conhecida tradicionalmente como “adverbial final”	“Bala na câmara faltava pouco para <u>sair a nos matar</u> .”
24	Combinação de <i>projeção e parataxe</i>	Discurso direto (ou citação)	“Não, <u>deixa passar!</u> ”
25	Combinação de <i>projeção e parataxe</i>	Discurso direto (ou citação)	“Zeca bravou: ‘ <u>Nosso guarda já nos disse para passar, ximba dum raio, mé.</u> ’”

Fonte: Elaboração própria (adaptado de Rúbio, 2011).

A observação do quadro acima mostra que, na composição do conto *Nostempo de miúdo*, há tanto construções paratáticas – dentre as quais há tanto aquelas que estabelecem relações lógico-semânticas de expansão quanto aquelas cujas relações lógico-semânticas são de projeção –, como hipotáticas e encaixadas. No gráfico abaixo, é possível ver as quantidades de cada um desses tipos de orações presentes na estória escrita por Boaventura Cardoso:

Gráfico 1 – Classificação das orações presentes em *Nostempo de miúdo* de acordo com o *complexing* de Halliday



■ Orações paratáticas ■ Orações hipotáticas ■ Orações encaixadas

Fonte: elaboração própria.

A proporção das orações, como se pode ver no gráfico, é de dezenove articuladas por parataxe para apenas três orações articuladas por hipotaxe e três orações articuladas por relações de encaixamento.

Vale dizer que o total de orações presentes em *Nostempo de miúdo* ultrapassa o número cem. Porém, nem todos os períodos que constam na obra estão dispostos no quadro ou no gráfico acima, haja vista a dificuldade de se definir a classificação das orações que os compõem, além do fato de que alguns deles se repetem na obra – casos em que nem todas as ocorrências foram consideradas –, e de que há períodos simples e que, portanto, não apresentam articulação de orações. De todo modo, a quantidade de 25 orações analisada é suficiente para demonstrar o ponto de vista aqui defendido, pois sustenta o argumento de que a parataxe é o processo de articulação oracional predominante na estória. Uma vez demonstrada essa predominância, a seção seguinte será destinada ao estabelecimento da relação entre a parataxe e o efeito de tensão alcançado na obra.

5 A PARATAXE E A TENSÃO NO TEXTO: *PARAMOS E OLHAMOS. [...] CORRE! LHE AGARRA MESMO!*

*O choro de África é um sintoma
Nós temos em nossas mãos outras vidas e alegrias
desmentidas nos lamentos de suas bocas – por nós!
E amor
E os olhos secos.²⁰*

– Agostinho Neto

Nesta seção, busca-se mostrar a relação existente entre a tensão que permeia o conto de Boaventura Cardoso e a predominância de orações paratáticas em sua composição. Considerando-se as definições já apresentadas sobre a articulação de orações, uma estratégia que pode ser útil para comprovar a hipótese aqui defendida é a reestruturação dos períodos da narrativa em questão, utilizando, em lugar de orações paratáticas, orações hipotáticas ou encaixadas. Desse modo, tal recurso será demonstrado e discutido nesta seção. Antes disso, porém, é importante conceituar texto, uma vez que um dos objetos de investigação deste trabalho – a tensão – tem relação tanto com o significado social de que se constitui o texto quanto com a sua forma, que é o segundo objeto desta pesquisa.

5.1 Concepções de texto: *Eh! Se vos conto, me pagas quê então?*

Neste trabalho, será utilizada a conceituação de texto apresentada por Halliday e Hasan (1976), segundo a qual

Um texto é uma unidade de língua em uso. Não é uma unidade gramatical, como uma oração ou uma sentença; e não é definido pelo seu tamanho.

Um texto é mais bem definido como uma unidade SEMÂNTICA: uma unidade não de forma, mas de significado. [...]. Um texto não CONSISTE EM sentenças; é REALIZADO POR, ou CODIFICADO EM, sentenças (p. 1-2, tradução minha, grifos dos autores).²¹

Dessa concepção, depreende-se que os elementos linguísticos que compõem a macrounidade do texto devem contribuir para a sua significação. Não são a finalidade última da construção textual, mas desempenham função de extrema relevância para a veiculação dos

²⁰ Trecho do poema *O choro de África*.

²¹ A text is a unit of language in use. It is not a grammatical unit, like a clause or a sentence; and it is not defined by its size. [...] A text is best regarded as a SEMANTIC unit: a unit not of form but of meaning. [...] A text does not CONSIST OF sentences; it is REALIZED BY, or ENCODED IN, sentences.

sentidos. Ainda nesse viés, vale ressaltar a definição de texto constante em Koch (1997), que dialoga com a dos autores de *Cohesion in English*. A linguista afirma que os elementos linguísticos não são postos no texto por acaso, mas sim selecionados com finalidades bem definidas por quem o produz:

O texto é “[...] uma manifestação verbal constituída de **elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes**, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais” (Koch, 1997, p. 22, grifo meu).

É importante destacar e adotar essas concepções, pois elas fazem lembrar que o texto possui duas faces, uma social e uma linguística, e que isso independe de ser ele escrito ou oral. Em se tratando de narrativas africanas, como é o caso do conto que aqui será analisado, *Nostempo de miúdo*, do autor angolano Boaventura Cardoso, essas duas faces do texto se traduzem em resistência ao anticolonialismo (ver seção 2.1) e em, justamente, marcas de oralidade.

Em um texto como *Nostempo de miúdo*, a oralidade e a escrita estão intimamente ligadas, corroborando que o conto pode ser entendido como um prolongamento das narrativas de tradição oral (Maria, 1992, p. 13 *apud* Almeida; Rodrigues, 2019), muito populares em África (Rosário, 1989). A estória escrita por Boaventura Cardoso classifica-se, mais especificamente, como um conto literário oral – ou expressão da oratura (Padilha, 2007, p. 214) –, constituindo-se em instrumento de resistência contra a opressão, uma vez que, por estar ligada a uma prática localmente significativa, identifica o sujeito que a produziu e aqueles a quem ela se destina.

Portanto, as marcas de oralidade e a utilização de um vocabulário próprio de Angola (*e.g. trumuno, reviença, pópilas*)²² marcam o posicionamento do autor em relação à sua realidade, denotando seu engajamento nas relações com os demais indivíduos de sua comunidade, pois estão imbuídas de significação local (Veloso, 2014). Reforça-se, portanto, que esse é um aspecto relevante devido à resistência que demonstra, por ser uma “atitude frente à realidade” (Macêdo, 2008), e porque, além disso, tem relação com o que se quer demonstrar neste trabalho, como será discutido na próxima subseção.

²² “Desafio de futebol”, “finta, drible” e “exclamação que equivale aproximadamente a ‘ora bolas!’” (Cardoso, 1982, N.E.).

5.2 Relação entre as construções paratáticas e a tensão em *Nostempo de miúdo: A morte e a vida em luta*

Além da definição de parataxe apresentada na subseção anterior, há a conceituação fornecida por Martins (2012), que terá grande valia para se demonstrar a relação entre esse recurso sintático e o efeito alcançado na obra de Boaventura Cardoso. Segundo a autora,

a parataxe tanto compreende os casos de coordenação assindética, como os casos em que uma construção formalmente coordenada (ou justaposta) estabelece uma relação de dependência (causa, consequência, por ex.) que poderia ser expressa por subordinação; **é um tipo de construção menos dominada pela lógica, particularmente encontradiço na linguagem oral** (p. 176, grifo meu).

Conforme visto anteriormente, a oralidade é marca fundamental da literatura angolana, em geral, e, particularmente, do conto *Nostempo de miúdo*. Sua utilização na narrativa aqui estudada contribui de maneira significativa para a construção dos sentidos, não apenas por ser “um dos elementos fundantes de traços identitários [...]” (Braga, 2001, p. 2), mas também porque nela predomina a parataxe, de que uma das características é “[...] um tom mais espontâneo, menos rigor lógico; é mais ágil, sugere a simultaneidade ou a rápida sequência dos fatos” (Pereira, 2006, p. 107). Sendo mais ágil e menos lógica, a parataxe é um recurso bastante propício para a manifestação da tensão, que, como já foi discutido, é, além de um elemento estrutural do conto, uma emoção intensa, e “[...] todas as emoções intensas, por uma necessidade psíquica, são breves” (Poe, 1846).

Considerando essas características, a fim de demonstrar que é a parataxe a responsável, em grande medida, pelo efeito de tensão existente no conto escrito por Boaventura Cardoso, pode-se recorrer a uma estratégia semelhante àquela utilizada por Bakhtin (2019), fazendo-se as adaptações necessárias. A partir da análise de três frases – dentre as quais é mais bem detalhada a frase “Triste estou: o amigo comigo não está”, atribuída ao poeta russo Púchkin – o filósofo da linguagem pretendia fazer os estudantes compreenderem que nas

formas sintáticas paralelas e comutativas, isto é, quando o falante ou escritor tem a possibilidade de escolher entre duas ou mais formas sintáticas igualmente corretas do ponto de vista gramatical [...] a escolha é determinada não pela gramática, mas por considerações puramente estilísticas, isto é, pela eficácia representacional e expressiva dessas formas (Bakhtin, 2019, p. 25).

Para tanto, Mikhail Bakhtin seguiu alguns passos com o objetivo de mostrar a seus alunos o significado estilístico do uso de períodos compostos por subordinação sem conjunção.

As etapas cumpridas por ele foram estas:

- 1) Transformar o período analisado em um período comum composto com conjunção;
- 2) Fazer a seguinte pergunta: qual é a diferença entre a oração criada e a oração original?;
- 3) Começar o estudo gradual das razões da perda da expressividade na frase alterada;
- 4) Após a análise das conjunções subordinativas, abordar a sua influência no contexto inteiro;
- 5) Constatar as mudanças estilísticas ocasionadas pela substituição da oração original pela alterada.

Neste trabalho, esses procedimentos serão aplicados a cinco períodos compostos presentes em *Nostempo de miúdo*. Ao final, serão apresentadas as conclusões a que Bakhtin chegou a partir das alterações feitas nos períodos, fazendo a devida relação entre elas e a tensão expressa no conto angolano.

A alteração que constitui o primeiro passo sugerido pelo autor está demonstrada no quadro abaixo:

Quadro 2 – Transformação de complexos oracionais compostos por parataxe do conto *Nostempo de miúdo* em complexos oracionais compostos por hipotaxe ou por encaixamento

	Período composto por parataxe (original)	Período composto por hipotaxe ou por encaixamento (alterado)
1	Manecas traz a bola! – vozeamos.	<i>Vozeamos para que Manecas trouxesse a bola.</i>
2	Paramos. Quietos. Nem mais um passo.	<i>Paramos, quietos, e não demos nem mais um passo.</i>
3	No entendimento da nossa aflição, Tia Cristina lhes esperou mesmo lá fora. Aqui? Não, senhor, não vi meninos entrar.	<i>No entendimento da nossa aflição, Tia Cristina lhes esperou mesmo lá fora e disse que não tinha visto meninos entrar.</i>
4	Já nos tinham avisado. Seis horas recolher.	<i>Já nos tinham avisado que às seis horas deveríamos recolher.</i>
5	Meninos, tenham cuidado, não são horas de andar. Podem passar.	<i>O guarda disse para termos cuidado, pois não eram horas de andar, e nos deixou passar.</i>

Fonte: elaboração própria.

Após a reformulação dos períodos, é possível responder à pergunta feita por Bakhtin (2019), que corresponde ao segundo passo de sua metodologia: assim como o próprio autor e seus alunos observaram, a diferença entre a oração criada e a oração original é que “[...]”

na reformulação foi perdida a expressividade emocional [...] e que na variante reformulada a oração ficou mais fria, seca e lógica” (Bakhtin, 2019, p. 31). As pausas existentes nas construções originais – à exceção dos períodos da linha 5 do quadro – remetem à respiração ofegante e aos batimentos cardíacos acelerados das personagens, bem como ao silêncio tenso estabelecido quando seus questionamentos não têm resposta; quando se transformam as orações paratáticas, ou em hipotáticas, ou em encaixadas, porém, a tensão se quebra, devido, justamente, à perda da expressividade emocional. Para compreender por que isso acontece, é necessário seguir para o terceiro passo apontado por Bakhtin (2019).

No processo de transformação das orações, é necessário fazer ajustes, a fim de que se mantenha o mesmo sentido da construção original²³. Nesse sentido, uma das alterações precisas é o acréscimo de conjunções (ver os grifos no Quadro 2). Para Bakhtin, as palavras pertencentes a essa classe gramatical – tradicionalmente falando – são auxiliares “[...] e tampouco a entonação emocional poderá basear-se nelas (ou elas simplesmente não podem ser pronunciadas com emoção)” (Bakhtin, 2019, p. 32), razão pela qual a tensão perde seu espaço.

Após essa análise, no quarto passo da estratégia elaborada por Bakhtin, ele mostra que a introdução das conjunções tem estreita relação com a ordem das palavras no período e com a entonação dada a cada uma delas. Para o autor, “[...] as locuções conjuntivas [...] enfraquecem toda a estrutura entonacional do período” (*ibid.*, p. 33). De fato, inserir as conjunções ou locuções conjuntivas nos períodos do quadro 2 promove o deslocamento das palavras, alterando sua ordem original nas frases, o que, em última instância, modifica a entonação a elas conferida, sobretudo a questão das pausas anteriormente mencionadas, responsáveis, em grande medida, pela tensão no conto.

Antes de seguir para a última etapa da análise proposta por Bakhtin (2019), vale chamar atenção para o fato de que, à exceção do segundo período do quadro 2, todos os demais podem ser classificados como discurso direto ou citação, constituindo uma combinação de projeção e parataxe, de acordo com a classificação expressa no quadro 1. A alteração dos períodos resultou em modificação também de sua classificação (ver quadro 3 abaixo).

²³ Isso porque essa estratégia constitui uma retextualização, *i. e.*, a construção de um novo texto – a partir de outro texto-base –, que, por sua vez, terá suas especificidades. Além disso, ainda que se procure manter o mesmo sentido, cada texto deve ser veiculado considerando um contexto, que é “[...] algo mais do que um simples entorno e não se pode separar de forma rigorosa o texto de seu contexto discursivo. Contexto é fonte de sentido” (Marcuschi, 2008, p. 82 *apud* De Albuquerque; Mesquita; Barbosa, 2022).

Quadro 3 – Classificação de complexos oracionais presentes em *Nostempo de miúdo* após a reformulação sugerida por Bakhtin (2019)

	Períodos reformulados	Classificação
1	<i>Vozeamos para que Manecas trouxesse a bola.</i>	Combinação entre <i>realce e hipotaxe</i>
2	<i>Paramos, quietos, e não demos nem mais um passo.</i>	Combinação da <i>extensão com a parataxe</i>
3	<i>No entendimento da nossa aflição, Tia Cristina lhes esperou mesmo lá fora e disse [...]</i>	Combinação da <i>extensão com a parataxe</i>
4	<i>[...] que não tinha visto meninos entrar.</i>	<i>Encaixamento</i>
5	<i>Já nos tinham avisado que às seis horas devíamos recolher.</i>	<i>Encaixamento</i>
6	<i>O guarda disse para termos cuidado, [...]</i>	<i>Encaixamento</i>
7	<i>[...] pois não eram horas de andar, [...]</i>	Combinação entre <i>realce e hipotaxe</i>
8	<i>[...] e nos deixou passar.</i>	Combinação da <i>extensão com a parataxe</i>

Fonte: elaboração própria.

As orações das linhas 3 e 4 constituem, no texto original, um único período, assim como as orações das linhas 6, 7 e 8. Foi necessário, porém, desmembrar esses períodos, a fim de fazer a correta classificação dos complexos oracionais.

As conclusões a que o autor chega na última etapa de sua estratégia, após a aplicação dos demais procedimentos, à exceção de uma – letra c) –, parecem ser igualmente observadas no caso dos períodos de *Nostempo de miúdo*. O filósofo da linguagem elenca as seguintes mudanças estilísticas:

- a) a relação *lógica* entre as orações simples, revelada e posta em primeiro plano, enfraqueceu a relação emocional e dramática [...];
- b) diminuiu-se drasticamente a carga entonacional, tanto em cada uma das palavras como em todo o período: [...] agora, há mais palavras no período, porém bem menos espaço para a entonação;
- [...]
- d) diminuiu-se a capacidade do discurso de produzir imagens;
- e) o período parece ter passado ao registro mudo, tornou-se mais adaptado à leitura silenciosa do que a leitura expressiva em voz alta;
- f) a oração perdeu sua concisão e se tornou menos agradável aos ouvintes (Bakhtin, 2019, p. 33).

Em relação à conclusão expressa em a), é importante lembrar o que diz Martins (2012), citada anteriormente, para quem a parataxe tem como característica a ilogicidade. Desse modo, ao substituir a parataxe pela hipotaxe ou pelo encaixamento, confere-se maior destaque à logicidade, enfraquecendo o aspecto emocional, personificado, em *Nostempo de miúdo*, pela

tensão. Sobre a conclusão expressa em b), já foi dito que especialmente as pausas possíveis de serem feitas na leitura do texto original desaparecem, eliminando, também, a tensão que expressam.

A conclusão expressa em d) tem relação, principalmente, com a introdução das conjunções, que “[...] expressam relações puramente lógicas entre os períodos, são totalmente privadas dos elementos visual ou imagético” (Bakhtin, 2019, p. 32). Isso reduz a sugestividade – elemento importante para o alcance de um efeito, segundo Poe (1846), conforme discutido na seção 3 –, reduzindo, por conseguinte, a tensão. Finalmente, as conclusões expressas em e) e em f) têm relação, no caso de *Nostempo de miúdo*, com o elemento oralidade, que o constitui (ver subseções 2.1 e 5.1): a parataxe está intimamente ligada à modalidade oral do uso da língua, e, portanto, ao suprimi-la, reestruturando os complexos oracionais pelo uso da hipotaxe ou do encaixamento, apagam-se também as marcas de oralidade, tornando as construções mais lógicas e provocando a distensão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não basta que seja pura e justa
a nossa causa
É necessário que a pureza e a justiça
existam dentro de nós.²⁴*

– Agostinho Neto

Neste trabalho, buscou-se vencer, ainda que de modo incipiente, a aparente separação entre as áreas da Linguística e da Literatura, que constitui um problema porque impede que os trabalhos das duas áreas se combinem para uma análise textual completa. Do mesmo modo, buscou-se dar visibilidade a uma obra literária angolana, tendo em vista que os textos africanos ainda são relegados à invisibilidade, o que demonstra uma opção pela autoria branca, revelando o racismo que ainda se faz presente na sociedade brasileira. Procurou-se mostrar que uma possibilidade existente para a superação desses imbróglios é a análise textual de obras africanas, considerando seus aspectos literários e a contribuição dos recursos linguísticos nelas empregados para a obtenção de efeitos como a tensão.

Chama-se a atenção para o fato de que a caracterização literária, *i. e.*, de elementos como enredo e personagens, é de extrema relevância em um trabalho como este, uma vez que o texto não deve ser utilizado como mero pretexto para a investigação de recursos e fenômenos linguísticos. É preciso, na verdade, a exemplo do que faz Mikhail Bakhtin, verificar como as escolhas linguísticas servem a um propósito comunicativo, lembrando que a comunicação é a razão de ser de qualquer texto, literário ou não, e que a seleção dos recursos empregados na produção de um texto, seja oral, seja escrito, não se dá ao acaso. Pelo contrário, há sempre uma motivação, que, de acordo com Bakhtin, é estilística, para a opção por uma forma de dizer algo, em detrimento de outra forma igualmente correta do ponto de vista gramatical.

Ademais, ao analisar linguisticamente os recursos que são escolhidos pelo produtor do texto, também é importante considerar alguns aspectos. Com a utilização de uma classificação oracional que se atenha aos parâmetros da Gramática Tradicional, por exemplo, incorre-se no risco de ignorar aspectos como as relações lógico-semânticas entre as orações; o único critério de classificação passa a ser a (in)dependência sintática, que não contempla a complexidade da produção textual. Na contramão dessa visão, o Funcionalismo e a Linguística Textual oferecem uma análise que abrange ambos os tipos de relação: tanto a dependência quanto a questão lógico-semântica.

²⁴ Trecho do poema *Do povo buscamos a força*.

Tendo sido tecidas essas considerações, manifesta-se o desejo de que este trabalho contribua para os estudos no campo das Letras, para análises textuais mais completas, que se sirvam tanto das produções acadêmicas voltadas à Linguística quanto daquelas voltadas à Literatura. Espera-se, ainda, que o presente trabalho tenha continuidade, em escritas futuras com foco no ensino de língua portuguesa e de suas literaturas, a fim de que outros estudantes, não somente aqueles da academia, mas também os da educação básica, possam usufruir do conhecimento construído a partir daqui.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Viviane Lima dos Santos; RODRIGUES, Inara de Oliveira. Conto popular angolano: questões identitárias e afirmação cultural. **71ª Reunião Anual da SBPC**, 2019.

Disponível em:

http://reunioessbpc.org.br/campogrande/inscritos/resumos/1191_1e13c886faf80dd982598a0b940ed402f.pdf. Acesso em: 29 set. 2023.

ANDRADE, Marlisson Sousa de. **Livro didático de Língua Portuguesa e a Lei 10.639/2003**: (ex)inclusão da temática negra no material do 6º ano do Ensino Fundamental. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2021.

AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta de. **Domínios discursivos**: uma visão cognitiva da estruturação de narrativas orais. 2005. 243 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BARONI, Raphaël. **La tension narrative**: suspense, curiosité et surprise. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BRAGA, Maria Luiza. Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. **Scripta**, v. 5, n. 9, p. 23-34, 2001.

CARDOSO, Boaventura. Nostempo de miúdo. *In*: **Dizanga dia muenhu**. São Paulo: Ática, 1982.

CIONE, Vinicius Melleu. A luta anticolonial angolana em Luandino e Pepetela. **Sankofa** (São Paulo), v. 5, n. 9, p. 64-88, 2012.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. *In*: **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 147-165.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1**: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Editora Ática, 2002.

DE ALBUQUERQUE, Geovana Meire Gomes Franco; MESQUITA, Elizangela Silva; BARBOSA, Maria José. O emprego da retextualização para as práticas de letramento. **Ensino em Perspectivas**, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022.

DOS SANTOS CAVALHEIRO, Juciane. Linguística/Literatura: um diálogo possível?. **Letras de Hoje**, v. 39, n. 4, 2004.

FEIJÓ, Brunna Bozzi. **Independência ou Revolução?:** Uma análise do processo de independência de Angola a partir da sua transformação de guerra anticolonial a microcosmo da Guerra Fria (1961-1975). 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FRANÇA, Luiz Fernando de. **“Uns contos iguais a muitos”:** estórias africanas, relações de trabalho e estrutura narrativa no contexto colonial angolano e moçambicano (décadas de 50/60). 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

GERALDES, Sandro. **A atuação de forças conjuntas na campanha do sul de Angola de 1915.** 2014.

HALLIDAY, Michael. **Introduction to functional grammar.** 4th ed. London and New York: Routledge, 2014.

_____; HASAN, Ruqayia. **Cohesion in English.** Hong Kong: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore Villaça. Cognição e processamento textual. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 2, 1996.

_____. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 1997.

LOPES, Karolina. **Minimanual de gramática.** São Paulo: DCL, 2010.

MACÊDO, Tania. A oratura em Angola. *In: Luanda, cidade e literatura.* São Paulo: Editora Unesp, 2008.

_____. As produções culturais da cidade africana. *In: Luanda, cidade e literatura.* São Paulo: Editora Unesp, 2008.

_____. O espaço narrativo. *In: Luanda, cidade e literatura.* São Paulo: Editora Unesp, 2008.

_____. Os musseques e os habitantes da cidade escrita. *In: Luanda, cidade e literatura.* São Paulo: Editora Unesp, 2008.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. **Introdução à Estilística.** São Paulo: EDUSP, 2012. Disponível em: <https://encurtador.com.br/lnDU6>. Acesso em: 24 ago. 2023.

MENDONÇA, Anderson Guimarães. **“Patriotas Angolanos”:** colonialismo, repressão, nacionalismo e guerra de libertação (1933-1977). 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

PADILHA, Laura Cavalcante. O salto para a outra margem. *In: Entre voz e letra.* Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

PENA-FERREIRA, Ediene; LIMA, Leydiane Sousa. **Gramática, funcionalismo e ensino de língua.** 2019.

PEREIRA, Jane Christina. **A poesia de Malagueta, Perus e Bacanaço**. 2006. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.

POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição**. 1846. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2544953/mod_resource/content/1/Poe.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

PROPP, Vladimir Iakovlevich. **Morfologia do conto maravilhoso**. Brasília: CopyMarket.com, 2001.

REZENDE, Rosana Gondim. A teoria do conto de Edgar Allan Poe e de Ricardo Piglia na análise de “A caçada”, de Lygia Fagundes Telles. **Revista Alpha**, n. 10, p. 208-219, 2009.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A Narrativa Africana de expressão oral**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Luanda: Angolê, 1989.

RÚBIO, Marília Gabriela. **Uma investigação funcionalista das proposições relacionais estabelecidas por sentenças paratáticas aditivas e por sentenças paratáticas justapostas: relações retóricas de lista, sequência, condição e resultado**. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

SECCO, Lincoln. A Revolução dos Cravos: a dinâmica militar. **Projeto História**, São Paulo, n. 47, pp. 365-376, 2013.

SILVA, Júlia de Matos. **História da ditadura portuguesa: Salazar versus Humberto Delgado (1952-1965)**. 2021.

TENSÃO. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**. 7. ed. Versão 7.0. Dicionário eletrônico. Curitiba: Positivo. 1 CD-ROM, 2004.

TEODORO, Francielle Nogueira Fernandes. **Memória e espaço urbano em contos angolanos: estratégias narrativas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

VELOSO, Rafaela. As três ondas da Sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. **XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina**, 2014.